Editorial

NINHO DE VESPAS

A reportagem de **O TEMPO** recebeu denúncias de que em Betim, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, era possível a aprovação, mediante pagamento, no exame prático de direção em rua, superando assim a última etapa para obtenção da carteira de habilitação de motorista.

Fomos verificar e constatamos que, de fato, as denúncias tinham fundamento. O negócio é intermediado por instrutores de autoescolas, com conhecimento ou não de seus proprietários. Situados entre os alunos e os examinadores, eles tornam viável a negociação, mediante o pagamento de propina.

A publicação da reportagem motivou uma série de manifestações de leitores, denunciando a mesma prática em várias cidades do interior. Como o Detran trabalha com uma equipe de 50 examinadores, que percorre todo o Estado realizando esses exames, é provável que esse ilícito ocorra em todo lugar.

Há pelo menos três anos que as autoridades acreditam que a fraude na emissão de carteiras de motorista estava superada. No passado, era o próprio documento que era falsificado. Mas em Betim, segundo as informações, há dez anos que funciona esse esquema de aliviar o rigor da prova aplicada aos alunos.

A corrupção prospera toda vez que o poder público ou seus agentes se excedem nas dificuldades para ceder algo. Nessas circunstâncias, sempre aparece alguém vendendo facilidade. Certamente, nem todos os instrutores e examinadores estão comprometidos, mas é inevitável que alguns se aproveitem da situação.

Também há alunos que não pactuam com esse esquema. O Ministério Público e a Polícia Civil prometem investigar as denúncias. Espera-se que o governo vá fundo nisso, inclusive esclarecendo as ameaças feitas a um dos repórteres. E que mexa nas características desses exames, tornando-os impessoais.

Afinal, deles depende, em grande parte, a segurança do nosso trânsito.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL Leandro Figueiredo
GERENTE DE TECNOLOGIA Fábio A. Santos
GERENTE INDUSTRIAL Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING Alessandra Soares

EDITORA EXECUTIVA Lúcia Castro
SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO Michele Borges da Costa, Regiane Marques Sampaio
ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO Aline Reskalla
EDITORES
Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Fotografia: Leonardo Lara
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke

www.dukechargista.com.br

FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com. br

Miriam Merlet e outras vozes altivas do Haiti que se foram

O mundo sabia que a riqueza era roubada da boca do povo

Não consigo ver as imagens do Haiti na TV. Não é apenas dor e dó. É o dia seguinte que bate fundo, o futuro de um país, que para muitos já era sem futuro, cujo horizonte está invisível ao perder no terremoto parte substancial de suas cabeças pensantes mais firmes e patriotas.

Até conhecer feministas haitianas, o país era uma incógnita entalada na garganta. A primeira vez que ouvi sobre os dissabores do Haiti foi de um professor de cursinho, nos idos de 1972, José Maria do Amaral; discorrendo sobre excrescências da humanidade, citou Nero e o Papa Doc (Papai Doutor: François Duvalier, 1907-1971), médico negro e ditador do Haiti (1957-1971), que vivia cercado de "Tontons Macoutes" (bichos-papões), uma guarda pessoal sanguinária; se autonomeou presidente vitalício, com direito familiar de transmissão do poder (1964), e se comprazia diante de cabeças decepadas dos inimigos!

Pontuou ser incompreensível que um povo altaneiro, que fez uma revolução antiescravista numa ilha do Caribe – ilha Hispaniola, onde ficam Haiti e República Dominicana – e aboliu a escravidão enfrentando o exército de Napoleão (1794), tornando-se um fantasma para os senhores de escravos do mundo, ao instaurar uma república camponesa negra (1804), que se submetia ao Papa Doc! Enojavam as diatribes de Baby Doc (Jean-Claude Duvalier), ditador hereditário (1971-85), e suas regalias num palácio em Paris, onde, segundo diziam, até as torneiras eram de ouro!

O mundo inteiro sabia que a riqueza dos Duvalier era roubada da boca do povo, o que torna eticamente inexplicável o apoio dos países ricos, sobretudo do vizinho Estados Unidos. Em "Limites éticos", narro meu encontro com uma feminista haitiana, que jamais compactuou com governos trogloditas, dia em que perdi a inocência com as denominadas Tropas de Paz, na reunião da Mesa Diretora Ampliada do Comitê Especial de População e Desenvolvimento (Cairo + 10), em Porto Rico, em julho de 2004 (O TEMPO, 25 de agosto de2004).

Ao nos abraçarmos, ela murmurou pesarosa: "O seu país está ocupando o meu país". Um vexame! Para ela, eu era a materialização do colonizador. Entendi o que minha amiga quis dizer vendo o delírio de haitianos atrás dos urutus (precisavam ser urutus?) com jogadores da seleção brasileira acenando como deuses no Olimpo. Era degradante. Força de Paz da ONU (Brasil no Haiti) ou força de ocupação truculenta (EUA no Iraque) despertam o mesmo sentimento de perda de soberania: há tanques estrangeiros zanzando em minha pátria.

> Um país que perde mulheres como Miriam Merlet fica na orfandade e adia o futuro de dignidade que o mundo deve ao Haiti

Minha interlocutora, Miriam Merlet, teve a vida ceifada pelo terremoto. A Rede de Saúde das Mulheres Latino-Americanas e do Caribe declarou, em "Un Dolor Compartido, pero Siempre un Dolor – Solidaridad con Miriam Merlet y Todas las Compañeras Muertas en Haiti": "A paixão de Miriam foi a defesa dos direitos humanos das mulheres e foi ali em sua pátria, onde chegou a ser ministra da Mulher – que coerência com sua trajetória histórica! Quem melhor que ela poderia exercer um cargo como esse? Quem melhor que ela poderia fazer valer a participação das mulheres em igualdade de condições com os homens, e fazê-lo desde o mesmo centro de poder? É por isso que estamos doídas, perplexas e sem voz. É demasiado difícil encontrar uma frase, sequer uma palavra, que alcance expressar a profundidade do sentimento que nos embarga".

Um país que perde mulheres como Miriam Merlet (53), Magalie Marcelin (50) e Anne Marie Coriolan (53) fica na orfandade e adia o futuro de dignidade que o mundo deve ao Haiti.

DUKE